

---

# TRABALHO E EDUCAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): INVESTIGAÇÕES DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO

Daniela Maria Weber<sup>1</sup>

Evandro Alves<sup>2</sup>

Suzana Feldens Schwertner<sup>3</sup>

**Resumo:** Este estudo é fruto de reflexões e provocações desencadeadas a partir do Curso de Aperfeiçoamento em Alfabetização de Jovens e Adultos, promovido pelo Núcleo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A formação continuada propiciou a reflexão sobre o estudante trabalhador que frequenta a EJA. Por meio de questionário proposto aos estudantes de uma escola da rede municipal de Lajeado (RS), que possui turmas na modalidade EJA, investigou-se sua percepção sobre a relação entre trabalho e educação, evidenciando o quanto estes conceitos permanecem não articulados entre os espaços escolares e os de trabalho. Os estudantes percebem a escola e o trabalho como vias separadas, não estabelecendo relações entre eles. Entende-se que a formação continuada e a reflexão produzida pelo estudo, além da investigação realizada permitiram a discussão da temática com o grupo de professores, trazendo para a pauta de estudo as questões de currículo e interação com o mundo do trabalho, na Educação de Jovens e Adultos.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; Formação Continuada; Educação e Trabalho.

**Abstract:** This study has derived from reflections and provocations triggered by a perfecting course in the area of Youth and Adult Literacy offered by the Interdisciplinary Center of Youth and Adult Education Teaching, Research and Extension at the Federal University of Rio Grande do Sul. Continuing education has favored the reflection on the working students who attend EJA classes. By means of a questionnaire applied to students attending EJA classes in a municipal school in Lajeado (RS), their perceptions of the relationship between work and education was investigated, showing the extent to which these concepts have remained non-articulated between school and work settings. The students regard both school and work as separated paths and do not establish relationships between them. Continuing education and the reflection favored by the study, besides the investigation, have enabled the discussion about this subject with the group of teachers, thus bringing out issues concerning the curriculum and the interaction with the work world in Youth and Adult Education.

**Keywords:** Youth and Adult Education; Continuing Education; Education and Work.

---

<sup>1</sup> UNIVATES. Licenciada em História. Mestranda do PPG Ensino no Centro Universitário UNIVATES. E-mail: daniweber@universo.univates.br.

<sup>2</sup> UFRGS. Graduado em Pedagogia. Mestrado e Doutorado em Educação pela UFRGS. E-mail: evandarilho@gmail.com.

<sup>3</sup> UNIVATES. Graduada em Psicologia. Mestrado e Doutorado em Educação pela UFRGS. E-mail: suzifs@univates.br.

## A EJA E SEUS SUJEITOS

A partir, sobretudo, da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), e da Lei de Diretrizes e Bases – LDB de 1996 (BRASIL, 1996), vivemos um contexto de escolarização obrigatória, no qual todo cidadão brasileiro possui direito à educação, frequentando a escola dos 4 aos 18 anos incompletos. Em situações apontadas como ideais, com esta idade o jovem já teria seguido a Educação Infantil (4-5 anos), o Ensino Fundamental (6-14 anos) e o Ensino Médio (15-17 anos), concluindo a Educação Básica. Porém, uma considerável parcela da população, que não atinge o final do Ensino Médio no tempo preconizado em Lei, acaba ficando até depois desta idade pelas salas de aula do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. A Educação de Jovens e Adultos – EJA – é uma modalidade do sistema educacional brasileiro. Nela, jovens a partir de 15 anos que não concluíram o Ensino Fundamental podem estudar a fim de certificarem a escolarização.

Este público, composto em sua maioria por jovens, é na maior parte das vezes oriundo de famílias com baixo índice socioeconômico, o que faz com que, antes de conseguir finalizar os estudos, acabam por se colocar no mercado de trabalho, muitas vezes em ocupações de baixa remuneração, ou ainda, por meio de trabalhos informais. Tais estudantes submetem-se a atividades diversas, como entregadores de panfletos, lavadores de carro, serventes de pedreiro, pintores, jardineiros, carregadores de frangos, babás, dentre outras possibilidades de trabalho. Destes jovens, uma pequena parcela tem a oportunidade de trabalhar como “jovem aprendiz”<sup>4</sup>, já que o programa acaba sendo restritivo quanto ao acesso, pois depende de vagas oferecidas pelas próprias empresas e de processos seletivos. São estes jovens que procuram a EJA, sobretudo no período noturno, para conciliar o trabalho necessário com a obrigatoriedade de completar os estudos.

O objetivo desta escrita é explorar uma das práticas investigativas realizada a partir do curso de formação continuada, por meio da reflexão sobre a relação entre trabalho e educação

---

<sup>4</sup> O programa Jovem Aprendiz prevê o aperfeiçoamento e encaminhamento ao mercado de trabalho de jovens entre 14 e 24 anos. Estes cumprem carga horária que permita conciliar estudo e trabalho, em turnos opostos e ficam diretamente ligados a uma empresa, inclusive com registro funcional.

---

para uma amostra de estudantes da modalidade e os efeitos produzidos em uma professora em formação.

## **A FORMAÇÃO CONTINUADA**

Com o objetivo de oferecer qualificação específica para a docência com estudantes da EJA é que iniciou em dezembro de 2013, com conclusão em outubro de 2014, o Curso de Aperfeiçoamento em Alfabetização de Jovens e Adultos e Inclusão Social, promovido pelo Núcleo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NIEPE-EJA/UFRGS), oferecido a professores de escolas públicas que trabalham com a modalidade EJA. O curso foi dividido em módulos presenciais e a distância, contemplando os seguintes eixos: (1) concepções e práticas alfabetizadoras na EJA; (2) legislação; (3) metodologias participativas de ensino e pesquisa na EJA; (4) EJA e movimentos sociais; (5) EJA e diversidade e (6) EJA e o mundo do trabalho. Este trabalho tematiza, em específico o último eixo, das relações entre EJA e o mundo do trabalho.

A partir dos estudos realizados no curso, refletiu-se sobre percepções comuns aos professores participantes acerca da Educação de Jovens e Adultos e de suas práticas pedagógicas. Entre as questões mais citadas como dificuldades no trabalho com a EJA estão as situações de indisciplina, lacunas na aprendizagem e pouco interesse pelas aulas.

Outras produções contemplam a temática de cursos de formação de professores na Educação de Jovens e Adultos, como o trabalho de Soares e Simões (2004), que mapeou a formação na Universidade Federal de Minas Gerais. Os autores alertam que não há consenso entre os próprios educadores da EJA sobre a essencialidade da formação específica devido ao mercado de trabalho e às próprias políticas públicas, que apontam a alfabetização para os que não a tiveram na infância, como assistencialismo, voluntariado e, que por isso, tem caráter aligeirado e não exige qualificação do profissional que irá atendê-lo.

Leôncio Soares organizou o livro “Formação de Educadores de Jovens e Adultos” (SOARES, 2006), a partir das contribuições feitas por pesquisadores no I Seminário Nacional

sobre a Formação do Educador de Jovens e Adultos, ocorrido em 2006, na Universidade Federal de Minas Gerais, em que foram feitos apontamentos sobre a formação inicial, continuada e de extensão, do educador da EJA. Destaca o número considerável de professores na modalidade e as poucas oportunidades de formação inicial específicas em EJA, sobre a efetividade de formações continuadas ou esporádicas e o pouco reconhecimento que recebem os cursos de extensão, que tem como temática a EJA.

Laffin e Cabral (2015), ao analisarem o processo de educação continuada em Florianópolis (SC), também apontam as dificuldades das formações para que, de fato, possam propiciar mudanças efetivas nos processos de ensino e de aprendizagem, pois entendem que as abstrações das formações pouco contribuem para conceituar os sujeitos da EJA. Gomes e Brito (2015) abordam a visão dos professores de EJA da rede municipal de Curitiba (PR), sobre o uso de ambientes virtuais para a formação continuada e de como se relacionam com as tecnologias para o trabalho docente, informando que a maioria deles não fazia uso das ferramentas oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação antes da realização do curso. Mas que, após, perceberam as vantagens de utilizar os espaços virtuais de aprendizagem.

Considerando algumas dificuldades e possibilidades a partir de cursos de formação continuada em EJA, apresentamos na seção a seguir como realizamos as atividades de reconhecimento do grupo de alunos, de modo a compreender quem eram os estudantes, jovens e adultos, da Escola A5, através da aplicação de questionários. Trata-se de uma investigação que buscou relacionar os apontamentos feitos no curso de formação e as práticas nos espaços educacionais.

## **(RE)CONHECENDO O GRUPO DE ESTUDANTES**

Conhecer com quem trabalhamos é essencial para resultados efetivos em sala de aula, uma vez que “o objeto do trabalho dos professores são seres humanos individualizados e socializados ao mesmo tempo. As relações que eles estabelecem com seu objeto de trabalho são, portanto, relações humanas, relações individuais e sociais ao mesmo tempo” (TARDIF,

---

<sup>5</sup> Escola municipal de Lajeado (RS), que conta com a modalidade “Educação de Jovens e Adultos”.

2014, p. 128). No entanto, a rotina de nossos afazeres nos leva para o “automatismo”, quando na verdade, deveriam ser singularizadas e apresentando soluções construídas em conjunto com os educandos.

Assim, torna-se necessária uma parada reflexiva, na qual possamos reorganizar o pensamento e, assim, nossa prática. Ponte (2002, p. 2) lembra que o ensino é “uma actividade intelectual, política e de gestão de pessoas e recursos. Torna-se necessária a exploração constante da prática e a sua permanente avaliação e reformulação”. Esse apontamento vem ao encontro das reflexões provocadas no curso de formação realizado: da necessidade de repensarmos e, conseqüentemente, reformularmos nossa ação de reconhecimento do grupo de estudantes e de suas percepções sobre o trabalho e a educação. A aplicação de questionário para conhecer quem eram os estudantes da EJA seguiu as orientações de Cunha (2012, p. 112), que destaca:

[...] não basta nomear quem eles são ou supor quem são, destacando, apenas, que são homens, mulheres, que trabalham, que estão cansados ou que são adolescentes desinteressados. Torna-se fundamental “admirá-los” a fim de que, reconhecendo-os como sujeitos, o diálogo amplie nossas visões a seu respeito e aprofunde-as. O objetivo é que, conhecendo nossos educandos a fundo, possamos compreendê-los efetivamente como sujeitos, protagonistas, com suas concepções sobre a vida e o mundo, com suas histórias, dúvidas e conhecimentos, valorizando a diversidade dos sujeitos da EJA como prerrogativa importante para a democratização da escola pública.

É preciso conhecer quem é o estudante e como este interage com o conhecimento que está construindo na Escola, além dos demais conhecimentos que possui, produzido em outros espaços de aprendizagem. Consideramos, portanto, as especificidades dos sujeitos da EJA a partir das discussões e problematizações propiciadas no curso de formação continuada, bem como das leituras de Fischer (2012), Cunha (2012) e de Furini, Durand e Santos (2011) sobre a importância de conhecer os sujeitos. Organizamos, assim, um roteiro de investigação, pois de acordo com Ponte (2002, p.2), a investigação a ser realizada por professores na escola, não necessita ter como base os moldes daquela realizada nas universidades, mas “tem bastante a ganhar se os professores cultivarem uma abordagem mais cuidada na formulação das suas questões de investigação e na condução dos seus projectos”.

A partir das listas de chamada da Escola A, identificamos o número de alunos matriculados e frequentes na EJA, sua idade e sexo. Constatamos que estes estudantes eram, em maioria, jovens do sexo masculino e que, por diferentes razões, reprovaram ou

abandonaram a rede regular de ensino, passando a frequentar as classes da EJA para estudar à noite, justamente para poder conjugar trabalho e educação.

Como metodologia para coleta de dados, optamos pelo questionário escrito, com questões abertas. Selecionamos um grupo de oito alunos para participar desta investigação. Eram os alunos presentes em um dia de aula pré-estabelecido para a realização da atividade. Ao apresentar a proposta aos estudantes, esclarecemos fazer parte de uma investigação proposta pelo curso de aperfeiçoamento do qual participávamos, tendo o aceite dos envolvidos e os questionários preenchidos de forma anônima.

O questionário compunha-se de dados de identificação, sendo eles idade e identificação sexual, e sete questionamentos a cerca da relação trabalho-educação, a saber:

<p>Investigação TRABALHO e EDUCAÇÃO</p> <p>Dados de Identificação:</p> <p>Idade: _____ Homem: (    ) Mulher: (    )</p>
<p>Questões a serem respondidas:</p> <p>1) Por que estou na escola?</p>
<p>2) Trabalho? (    ) Não    (    ) Sim. Se sim, onde, com o que?</p> <p>_____</p>
<p>3) O que eu aprendo com meu trabalho?</p>
<p>4) Em que o trabalho ajuda nos estudos?</p>
<p>5) Em que o trabalho atrapalha meus estudos?</p>
<p>6) Em que a escola ajuda no meu trabalho?</p>
<p>7) Em que a escola atrapalha o meu trabalho?</p>

Tabela 1: Questionário de investigação Trabalho-Educação. Elaborado pelos autores.



Sobre o primeiro questionamento, onde respondem sobre qual o objetivo de estarem na escola, observamos que para uma grande parcela destes jovens, o estudo é tido como uma obrigatoriedade, ou ainda, uma oportunidade de ter garantido o “Bolsa Família”, auxílio financeiro mensal disponibilizado pelo Governo Federal para famílias em situação de pobreza e que tem como um dos requisitos, ter comprovada a frequência na escola, dos filhos em idade obrigatória.

Os estudantes que estudam a noite e trabalham, correspondem a aproximadamente 15% do total de alunos atendidos na EJA da Escola A. Estes, na sua grande maioria, possuem carteira assinada e ocupam funções em empresas calçadistas e alimentícias, curtumes, além de atuarem como motoboys, pintores e montadores de móveis. Procuram a EJA para concluir seus estudos no Ensino Fundamental e almejam cargos ou funções melhores dentro das empresas que trabalham ou mesmo fora delas. As considerações sobre a relação entre trabalho e educação na visão dos estudantes entrevistados é o que vem exposto na seção seguinte, além da análise realizada a partir destas percepções.

## **A RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO**

Por meio dos questionários aplicados aos alunos, evidenciou-se o quanto a articulação trabalho-educação permanece distante do cotidiano dos estudantes. A Escola e o Trabalho foram percebidas como vias separadas, tal como se fossem mundos paralelos, não conseguindo estabelecer relações entre estes dois espaços. Percebe-se o quanto a não discussão das realidades que envolvem os alunos, seus problemas, sonhos, preocupações, objetivos; enfim, a vida em seu todo, reforça o distanciamento entre os espaços escolares e os de trabalho. Assim, evidencia-se o quanto, nos espaços escolares de EJA, os currículos e programas de ensino necessitam de profunda e séria reformulação a fim de superar este distanciamento.

Conforme levantamento de dados, constatou-se que entre os oito participantes, três são somente estudantes e outros cinco são trabalhadores e estudantes. Dos cinco trabalhadores, quatro possuem carteira de trabalho assinada. E, destes quatro, três ainda possuem outra atividade informal extra.

Os que trabalham, seja no mercado formal ou no informal, relatam que **aprendem muitas coisas com seus trabalhos**, tais como: a) conversar e interagir com as pessoas (Estudante 2, Estudante 3, Estudante 5); b) fazer argamassa (Estudante 4); c) administrar uma empresa (Estudante 1). Quando questionados **em que o trabalho ajuda nos estudos**, estes estudantes colocam que: a) Nada (Estudante 2, Estudante 3, Estudante 5); b) na Matemática (Estudante 4) e c) na Matemática, no Inglês e no Português (Estudante 1).

Quando questionados **em que o trabalho atrapalha seus estudos**, os estudantes-trabalhadores se dividem em duas respostas: a) Nada (Estudante 1, Estudante 3, Estudante 4, Estudante 5); b) No descanso (Estudante 2). Na pergunta **em que a escola ajuda o trabalho** atual destes alunos, aparecem respostas que mostram a alternância entre a escola contribuir e não contribuir para o trabalho. Por exemplo, para o Estudante 1, “Não ajuda em nada, pois no curso a Matemática é mais avançada, mais legal e difícil”; para os Estudantes 4 e 5, a escola em “Nada” auxilia em seu trabalho. Já o Estudante 2 respondeu que a escola “Ajuda a ser alguém melhor”; assim como o Estudante 3 aponta que a escola o ajuda a “Conversar com pessoas estranhas”.

Sobre **em que a escola atrapalha o trabalho**, surgiram como respostas: a) “Atrapalha em tudo, pois está atrasada em tudo nos estudos menos aprofundados” (Estudante 1); b) “No pouco tempo para descansar” (Estudante 2); c) “Nada” (Estudante 3 e Estudante 4). Através das respostas, percebe-se o quanto a fadiga do estudante trabalhador deve ser também um dos itens a serem ponderados na hora de se pensar as estratégias, conteúdos e prioridades de ensino para a EJA.

Na relação entre trabalho e educação, repousa uma discussão que perpassa os espaços escolares: garantir que os estudantes-trabalhadores sejam provocados a refletir sobre a realidade social em que estão inseridos e agir sobre ela. Urge mobilizar para uma nova relação com a educação, que vai além da certificação de conclusão do Ensino Fundamental ou de sua obrigatoriedade, mas que dê conta de desenvolver condições para que sejam protagonistas sociais dos espaços por onde circulam, na linha do que aponta Freire (1987), da transformação social a partir da Educação, de romper relações de opressão e tornar-se condutor do próprio caminho e também Bail (2002), ao propor a interpretação da realidade apresentada nos meios de comunicação e sua discussão crítica nos espaços escolares.



O mercado informal tem se tornado uma possibilidade destes trabalhadores se manterem no sistema capitalista. Os jovens almejam bens culturais que são amplamente divulgados pelos meios de comunicação, o que exige deles recursos financeiros que, devido à idade, em muitos casos, não possuem, o que os direciona para o mercado de trabalho informal. Esta realidade, que os coloca a conciliar educação e trabalho, pode interferir nas suas trajetórias escolares. Fischer (2012) indica que a Educação de Jovens e Adultos tem uma função crucial que é aproveitar as experiências de trabalho para desenvolver tanto nos jovens quanto nos adultos, uma consciência na relação de exploração que se esconde na informalidade.

Nesta perspectiva, precisamos avançar no sentido de pensar um currículo integrado para a Educação de Jovens e Adultos, que dê conta de valorizar os saberes e valores destes estudantes-trabalhadores, e que ambos os sujeitos envolvidos no processo educativo possam transformar as próprias condições de opressão vividas. Assim, os conhecimentos considerados patrimônio da humanidade, ou seja, os conhecimentos científicos, deverão se entrecruzar com as experiências e realidades dos estudantes para fazê-los refletir criticamente. Sabemos que esta não é uma tarefa fácil, mas é preciso romper com modelos tradicionais de ensino, já que sabemos que não produzem mais o efeito esperado, e considerar que, como estudantes, estes trabalhadores possuem necessidades diferentes. Neste sentido, reflete Freire (1987):

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e como mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com os outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isso, cada vez mais desalienada (FREIRE, 1987, p. 70).

A reflexão passa por propor alternativas ao modelo alienador imposto pelo sistema capitalista vigente em nossa sociedade atual. Nesta perspectiva, a educação é pensada como prática da liberdade em contraposição à dominação existente, por exemplo, na exploração do trabalho informal. É preciso considerar que trabalho e educação são condições humanas de existência e que esta é uma relação histórica. No entanto nossa sociedade foi modificando e transformando esta relação ao longo dos tempos. Com a Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – a obrigatoriedade da escolarização amplia-se até os 18 anos incompletos, para que todos tenham respeitado o tempo de dedicação exclusiva à escola. No entanto, sabemos que as classes populares acabam vivenciando trajetórias descontínuas em

Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha

---

sua relação com a escola, tendo que sujeitar-se ao trabalho antes mesmo de terem este tempo escolar respeitado, conforme prevê a lei.

Percebemos, nos questionários, que os jovens veem o espaço escolar como uma obrigatoriedade por parte dos órgãos públicos, enquanto que os adultos buscam na escola a certificação que não possuem. Ambos, jovens e adultos, estabelecem poucas relações entre as experiências de trabalho com as escolares e quando as fazem, entendem que as do espaço de trabalho indicam ser mais importantes do que as escolares.

As trajetórias de vida servem como sinalizadores do potencial que o aluno possui. Respeitar o aluno é fundamental se queremos formar uma geração com capacidade de sonhar, de lutar, traçar metas e não ter medo de tentar atingi-las, em qualquer idade. O que costuma dificultar essa afetividade são os paradigmas, as amarras, os costumes tradicionais de não se valorizar as experiências que o aluno traz da sua vivência pessoal.

Segundo Arroyo (2004), os jovens sabem da sua condição de excluídos. A escola, para o estudante, precisa ter um sentido real. É preciso que o sentido de estar ali tenha sua origem no prazer que o ato de aprender pode proporcionar, e aliada ao prazer exista uma atividade intelectual a ser desenvolvida. O importante é fazer com que os estudantes, dentro da sala de aula, despertem para o sentido e o prazer de estar e permanecer ali.

Ouvir o jovem, saber de seus desejos, suas inquietações e projetos possibilita conhecer um pouco da realidade das juventudes atuais. Oportunizar um espaço para que expressem os seus desejos, medos e anseios, é fundamental. É importante deixar claro que vários foram os motivos pelos quais estes jovens optaram, ou não, pela EJA e por isso é importante valorizar este momento de estudo e criar relações com o momento atual – qual seja, aquele em que se está no mundo do trabalho concomitantemente com o mundo do estudo.

Tardif (2014, p. 181) diz que “[...] na educação, o objetivo último dos professores é formar pessoas que não precisem mais de professores porque serão capazes de dar sentido à sua própria vida e à sua própria ação”. Por isso, enquanto estão na escola, que este período seja útil, aproveitável, para que de fato possam gerir seus caminhos e realizar suas próprias ações de forma respeitosa e responsável no futuro, quando não mais estiverem nos espaços escolares. É dever dos educadores trabalhar neste sentido, da construção da cidadania com autonomia do sujeito. Mas, para tanto, faz-se necessário conhecer os estudantes, e

desenvolver exercícios de reflexão, como o realizado aqui para que o professor siga conhecendo e compreendendo seus estudantes e pensando sobre seu trabalho.

## **APONTAMENTOS FINAIS**

As respostas dos estudantes ao questionário proposto nos indicam que, nos currículos e em nossas práticas pedagógicas como professores da EJA, ainda não conseguimos articular, de forma consistente, a relação entre o mundo do trabalho e a escola. Para alguns estudantes o trabalho é prazeroso, mas a escola não, mesmo quando o trabalho se faz em outra sala de aula, como no caso do estudante que faz o curso Jovem Aprendiz – Curso de Auxiliar Administrativo. Ou então, a escola não faz nenhuma relação com a atividade de trabalho, nem para auxiliar, nem para atrapalhar.

Problematizar estas dimensões, as realidades de vida e de trabalho dos estudantes é aproximar a Escola do mundo, da vida. Esse movimento potencializa aprendizagens a partir da articulação da experiência do cotidiano com a do conhecimento escolar, contribuindo para uma leitura crítica da realidade, assim como indica Bail (2002), de que ao estudante adulto devam ser disponibilizados, nos espaços escolares, momentos em que essas aprendizagens possam ser relacionadas com as vivências do mundo do trabalho.

Cabe aos espaços escolares a articulação para que se faça a leitura da realidade, para que a partir da escola e do trabalho, os estudantes e os professores percebam importância em todos os aprendizados que perpassam por estes espaços. A oralidade e o desenvolvimento das relações interpessoais foram citados como contribuições da escola para o trabalho dos estudantes. A comunicação e a participação do aluno em trazer para a sala de aula suas vivências e a partir delas desenvolver aprendizagens, nas quais as relações entre trabalho e educação permeiem e enriqueçam as aulas, são importantes e necessárias para um currículo que atenda aos preceitos da EJA.

Ao finalizar, podemos apontar como resultados positivos a realização desta investigação em sala de aula com nossos estudantes trabalhadores, tornando-se potente ao próprio agir dos professores na EJA, conhecendo mais atentamente seus estudantes.

Principalmente, foi importante perceber que, ao problematizar a relação entre trabalho e educação, para os estudantes ela foi entendida como quase inexistente.

É impossível construirmos uma educação prazerosa, agradável, convidativa para o horário pós-trabalho se ela não relacionar o que faz sentido na vida do estudante: o seu dia-a-dia que contempla, em grande parte das horas, o seu trabalho. Precisamos falar sobre o que eles querem ouvir, interagir para que se sintam importantes, como de fato o são para a sociedade. Assim como preza o próprio texto dos cadernos da Conferência Municipal de Educação de Lajeado, quando diz que:

Na Escola Pública, encontram-se a maioria dos jovens brasileiros. Portanto, a qualidade do Ensino Público é estratégica para nosso destino como indivíduos e para o projeto de Nação com redução da desigualdade social. Nessa direção, cabe a reflexão para assegurar que a permanência na escola precisa resultar em aprendizagens resultantes da partilha de experiências e saberes. O cotidiano das escolas deve estar repleto de dúvidas e indagações, provocadas pelos profissionais da educação e pelos estudantes, fomentando a construção do conhecimento como produção da coletividade e da participação na vida social, no contexto de uma escola cidadã (LAJEADO, 2014, p. 9).

A relação entre trabalho e educação, como temática nas salas de aula, pode ser um dos caminhos para se atingir qualidade efetiva na Educação de Jovens e Adultos, e consequentemente, a redução na desigualdade social a partir da informação e desalienação social.

Entendemos, como Ponte (2002, p.3), que a investigação sobre a prática privilegia a formação do docente e que toda a instituição escolar é beneficiada com este ato, “pelo facto dos seus membros se envolverem neste tipo de atividade, reformulando as suas formas de trabalho, a sua cultura institucional, o seu relacionamento com o exterior e até os seus próprios objetivos”. Os estudos a partir do curso de formação continuada em EJA, a investigação proposta e a escrita deste relato serviram para que pudéssemos discutir esta temática com o grupo de professores e, assim, trazermos para a pauta de estudo as questões de currículo e interação com o mundo do trabalho, na Educação de Jovens e Adultos.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BAIL, Viviane Schumacher. **Educação Matemática de Jovens e Adultos, Trabalho e Inclusão**. Florianópolis: Insular, 2002.

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília, DF: Senado Federal. 1988. 292 p.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção I, p. 27834-27841.

CABRAL, Paula, LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. Sujeitos estudantes da EJA: Reflexões a partir da formação continuada de professores. **V Seminário Nacional sobre Formação de Educadores de Jovens e Adultos**. 13 a 15 de maio de 2015. Faculdade de Educação – UNICAMP. Disponível em: <http://sistemas3.sead.ufscar.br/snfee/index.php/snfee/article/view/43/3>. Acesso em 19 mar 2016.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, 16(2), p. 221-236, 2003.

CUNHA, Aline Lemos. Algumas reflexões sobre os sujeitos da educação de jovens e adultos. In: GODINHO, Ana Claudia Ferreira; SOUZA, Denis Nicola Froner; FISS, Dóris Maria Luzzardi; DRESCH, Nelton Luis (Org.). **Entre imagens e palavras: práticas e pesquisas na EJA**. Porto Alegre: Editora Panorama Crítico, p.107-113, 2012.

FISCHER, Maria Clara Bueno. Educação de Jovens e Adultos e o mundo do Trabalho. In: GODINHO, Ana Claudia Ferreira; SOUZA, Denis Nicola Froner; FISS, Dóris Maria Luzzardi; DRESCH, Nelton Luis (Org.). **Entre imagens e palavras: práticas e pesquisas na EJA**. Porto Alegre: Editora Panorama Crítico, p.116-129, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FURINI, Dóris Regina Marroni; DURAND, Olga Celestina da Silva; SANTOS, Pollyana dos. Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, espaços e múltiplos saberes. In.: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (org.). **Educação de jovens e adultos e educação na diversidade**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, p.158-245, 2011.

GOMES, Fabrícia Cristina; BRITO, Glaucia da Silva. Docente na Educação de Jovens e Adultos: uma experiência de formação continuada em ambiente virtual de aprendizagem. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**. Canoas, v.4, n.2, p.1-16, 2015.

LAJEADO (Município). Secretaria de Educação. **1ª Conferência Municipal de Educação: Direito de Aprender**. Lajeado: Happynet Propaganda, 2014.

PONTE, João P. Investigar a nossa própria prática. In: GTI (Org). **Refletir e investigar sobre a prática profissional**. Lisboa: APM, p. 1-25, 2002.

---

SOARES, Leôncio (org.) **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006.

SOARES, Leôncio; SIMÕES, Fernanda Maurício. A formação inicial do educador de jovens e adultos. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, 29(2), p.25-39, jul/dez 2004.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012

